

PARANAPIACABA DE TODOS OS TEMPOS: PRÁTICAS DE ENSINO DE HISTÓRIA NA EE ALTINO ARANTES

Dislane Zerbinatti Moraes
Débora de Lima Gonçalves Antelmo

A memória social e as tradições populares constituem experiências que não podem ser dissociadas, coisificadas ou reduzidas à condição de meros objetos de contemplação. Nesta hipótese, elas seriam (como foram muitas vezes) profundamente desvitalizadas, espoliadas da própria força que as constituiu. (Olga Brites da Silva, 1992, p. 19).

INTRODUÇÃO

O presente capítulo dá notícia e analisa a intervenção de bolsistas e professora supervisora no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de História da Universidade de São Paulo, junto a turmas de 9º Ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Padre Aristides Greve, localizada em Santo André (SP), em 2015. O projeto de intervenção didática teve como objetivo explorar as potencialidades de ensino de História oferecidas pela Vila de Paranapiacaba, valendo-se de sua riqueza enquanto patrimônio histórico e de sua própria proximidade geográfica ao local de residência dos alunos, ao mesmo tempo em que introduziu conceitos de investigação histórica e discutiu os motivos que explicam a hegemonia de determinados temas e sujeitos na narrativa histórica consagrada em relação à Vila.¹

O projeto didático em tela seguiu em suas diversas etapa o pressuposto de conduzir os alunos ao longo de um autêntico, na medida das condições escolares, processo de investigação histórica; desde a elaboração da questão de investigação até a obtenção de dados suficientes para constituir uma resposta, dada na forma de uma produção feita pelos alunos com o auxílio dos bolsistas e da professora supervisora. A justificativa para essa abordagem didática se deve ao fato de que, enquanto patrimônio histórico tombado, a Vila de Paranapiacaba conta com significativa preservação de sua história e memória mais conhecida. No entanto, há aspectos pouco conhecidos da história da Vila. Sabe-se que a região contou com a presença de populações indígenas e que há informações de trabalhadores de origem afro-brasileira nas atividades da ferrovia durante o século XX em funções que exigiam maior esforço físico, como o setor de carvoaria. O acesso a esse conhecimento, entretanto, não é tão fácil, dado que há pouca produção historiográfica a respeito e esses aspectos não costumam aparecer nas narrativas históricas mais comuns sobre a vila; sendo enfatizados nessas, ao invés disso, os relativos à participação europeia na construção do sistema ferroviário e nas atividades econômicas a partir dele. Essa temática escolhida e questões de pesquisa construídas inserem-se na proposta do subprojeto do PIBID, de discutir a História indígena e afro-brasileira.

A decisão de conduzir os alunos na busca de conhecimentos não tão facilmente acessíveis explica-se pelo intuito tanto de dar aos alunos a experiência de uma investigação histórica legítima quanto, no nível crítico, fazer com que reflitam sobre os próprios motivos desses conhecimentos

¹ Agradecemos a participação, dedicação e qualidade dos relatórios dos bolsistas do PIBID USP História participantes desse projeto: Daniela Ferrari Oliveira, Igor Martin Pereira, Julia Zanardo Grespan, Marcelo Bermann, Michelle Taborda, Thaís Rosa e ao Prof. Dr. Fernando Henrique Tisque dos Santos (prof. Colaborador no PIBID História). Os relatórios se constituíram na base sobre a qual esse texto foi escrito.

não fazerem parte do que tradicionalmente se conta a respeito da vila, introduzindo conceitos que discutam o apagamento da atuação de certos agentes da história e a hegemonia de determinadas narrativas, sobretudo considerando as populações historicamente marginalizadas que são o tema articulador do subprojeto de História. Nesse sentido, partimos da metodologia que problematiza e expõe aos estudantes a natureza da investigação histórica e objetiva favorecer a reflexão crítica sobre a participação indígena e africana na história da Vila e as causas da dificuldade de acesso e invisibilidade desses processos na narrativa tradicional da história da região do ABC paulista.

As fases do projeto consistiram em: a) investigação entre os alunos sobre a extensão dos seus conhecimentos a respeito da Vila; b) suporte teórico e metodológico para a elaboração de questões de investigação histórica, metodologia de pesquisa com fontes orais, reflexão teóricas sobre “memória”, narrativa histórica” e patrimônio histórico, mobilizados ao longo do projeto; c) pesquisa em arquivos de jornais e centros de documentação; d) “estudo do meio” com visita à Vila com a montagem de um roteiro a ser percorrido para que os alunos pudessem conduzir sua investigação de forma efetiva e assistida pelo grupo de bolsistas; e) análise das entrevistas coletadas e criação de vídeos por grupos de estudantes.

Nesse processo de ensino e formação para a pesquisa foi utilizada bibliografia específica sobre História Oral (AMADO; FERREIRA, 2005; MEIHY, 2005; PORTELLI, 2010) e Patrimônio histórico e ambiental (MINAMI, 1998; MINAMI, 1996; STIGLIANO, 2009).

Nessa construção coletiva objetivando compreender as características do centro histórico de Paranapiacaba, o cotidiano da comunidade, suas práticas e culturas sobressaíram. A discussão sobre memória e patrimônio associada ao contato direto com vozes do presente e vestígios do passado permitiram que os estudantes entendessem e atribuíssem valor à historicidade que transcende a visão isolada de “museu a céu aberto”, construída pelo turismo local e presente em parte das representações de comerciantes e moradores. Eles enfrentaram da mesma forma que os especialistas o desafio de aceitar a representação do turismo atual e de novos sentidos para o espaço histórico. Conforme Olga Brites da Silva, há conflitos significativos entre as atribuições dos especialistas em patrimônio e os usos sociais e culturais dos espaços tidos como marcos históricos a serem preservados. Sugere aos técnicos e responsáveis pelas políticas públicas de patrimônio a seguinte postura:

Ao invés de retirar o patrimônio de seu circuito próprio, é fundamental respeitar e compreender seus vínculos profundos com aqueles que o produziram: trata-se de reconhecer que, neste saber-fazer, preservar, difundir, aprender e refazer práticas são elementos indissociáveis. (SILVA, 1992, p. 19).

UMA OFICINA DE HISTÓRIA COM ESTUDANTES DA ESCOLA BÁSICA

Inicialmente aplicamos uma pesquisa para entendermos qual era o conhecimento dos alunos de uma escola de Santo André sobre uma vila histórica pertencente a este município. O questionário era composto de 20 questões entre abertas e fechadas e foi respondido por 118 estudantes. Destes, somente 14 já haviam visitado a Vila de Paranapiacaba e apenas 24 sabiam que Paranapiacaba pertencia ao Município de Santo André, onde habitam. Foi possível identificar que os alunos apresentavam algumas hipóteses sobre as motivações da construção da Vila, como era o seu cotidiano, as relações de trabalho e do seu papel econômico. Levantamos alguns possíveis fatores que levaram ao apagamento dessa memória, tais como: transformações sociais, urbanas, econômicas e políticas da região do ABC, nos últimos 20 anos; perda da sensibilidade para as questões da vida operária; transformações nas relações entre São Paulo, São Bernardo, Santo André e São Caetano; história da ocupação da região no final do século XIX e início do século XX. Poderíamos dizer que o resultado foi assustador: de aproximadamente 120 alunos pesquisados, apenas 14 conheciam a Vila e a maioria não sabia que pertencia a Santo André, então tivemos a

certeza de que muito poderia ser explorado neste projeto!

Estudar a História de Paranapiacaba foi desafiador para todo o grupo e principalmente para os alunos. Tínhamos, como já foi dito, como objetivos iniciais explorar temas como os das relações de trabalho, investigando as possibilidades de existência do trabalho escravo na construção da Vila e da Ferrovia, e da questão indígena visto ser território ocupado anteriormente por aldeias. Porém, no desenvolvimento das atividades didáticas, pela faixa etária dos envolvidos (alunos de 14 a 15 anos) e pela ausência de tempo para o levantamento de fontes que tratam do tema, não atingimos tais objetivos. Mas, levando em conta a realidade do público com o qual lecionamos, elaboramos outros objetivos que foram traçados no decorrer do projeto e que atenderam às demandas que surgiam no processo didático.

Portanto, a mudança de rumo do subprojeto em questão veio de uma inquietação pelo desconhecimento dos alunos em relação à Vila de Paranapiacaba. Apesar de patrimônio histórico tombado por diversos órgãos, contemplando a esfera municipal, estadual e federal, a situação de abandono e descaso das diversas instâncias responsáveis pela preservação, além de falta de interesse da população da própria cidade pela Vila, fez com que nossa vontade de aprofundar o estudo sobre as ideias dos moradores e a história local relacionando o passado e presente ficasse mais aguçada. Nessa medida, os temas relativos ao fenômeno da memória e patrimônio histórico e cultural tornaram-se os geradores da proposição de ações investigativas desenvolvidas com os alunos.

Todas as informações e estudos sobre o tema escolhido eram feitas em outros ambientes da escola. Utilizamos a sala de leitura, a sala de multimídia e a sala de informática. Esta troca de ambiente favorecia o trabalho, possibilitando o uso dos recursos audiovisuais disponíveis, bem como uma disposição mais adequada para o trabalho em grupo. Esta opção contribuiu bastante para a transmissão e trocas de conhecimentos, e o fato de tirar os alunos do ambiente comum criava um momento especial que foi percebido pelos jovens que sempre comentavam que as aulas estavam mais interessantes. A partir do início do projeto, uma das aulas da semana estava reservada para estudos e aprofundamento do tema. Trabalhamos em forma de palestras e oficinas os temas relacionados à História Oral, Patrimônio, Patrimônio Tombado, Restauração e Memória. Para a introdução dos temas sempre apreciamos a visão do aluno sobre, por meio de pesquisas e debates. Com essa dinâmica, o entendimento tornava-se mais acessível, pois ao ouvir e respeitar a visão de mundo que o aluno traz da sua vivência os aproximava da vontade de conhecer mais.

Em uma das propostas de trabalho, solicitamos que fizessem um *tour* na escola, silenciosamente, observando tudo, anotando aquilo que nunca tinham percebido e após este percurso fizemos uma roda de conversa, na qual os estudantes demonstraram que mesmo frequentando a escola por anos, conheciam detalhes que antes não haviam percebido. A mesma proposta foi feita no percurso de casa para a escola, em que deveriam escrever os detalhes que viam no caminho. As respostas também foram positivas, no sentido de descobrirem muitas coisas que antes não tinham percebido. Tais dinâmicas foram aplicadas no sentido de problematizar a ideia de patrimônio, construções e desconstruções das edificações, ideias arquitetônicas, conhecimento da economia e dos costumes locais e de estabelecer um conhecimento mais sensível de investigação já os preparando para a visita a Paranapiacaba. Foram realizadas ainda duas atividades a partir da projeção de curta metragem *Dona Cristina perdeu a memória* e notícias veiculadas pela imprensa sobre o processo de restauração da Vila. Um deles: *Descaso, burocracia e falta de verba deixam patrimônio Histórico em ruínas*. (Televisão Globo, G1, 2015).

Outro fator facilitador do interesse dos alunos foi a ideia de conhecer uma vila de modo diferente daquilo que já conheciam, além de sair da escola fora do horário de aula, fugir da rotina estática das amarras que se apresentam em nossas escolas. Mesmo não tendo verba para custear o transporte para a visita, concordaram em dividir o custo dos ônibus e assim conseguimos a adesão de 82 alunos, que representavam todos os grupos do projeto. Para cada grupo era necessário que pelo menos dois integrantes participassem do passeio. Na semana seguinte a visita, os alunos participantes da visita trocaram suas impressões em uma oficina denominada “A História Contada Por Quem Viu e Ouviu”, e na sala de multimídia disponibilizaram todas as fotos e filmagens que fizeram, possibilitando a todos os alunos um conhecimento maior sob Paranapiacaba sob a visão

dos jovens que participaram da visita.

Além das impressões, foram solicitados aos alunos pesquisas, notícias e imagens complementares que pudessem enriquecer os dados para a confecção do projeto e o maior conhecimento da História de Paranapiacaba. Para tanto, solicitamos que cada grupo organizasse uma pasta para guardar todas as pesquisas relativas ao tema trabalhado.

Grupos de estudantes foram montados para se dedicarem ao estudo da metodologia de História Oral, história da Ferrovia e da Vila, temas relativos à Restauração, Patrimônio, Relações de Trabalho, atividades comerciais no passado e no presente, turismo histórico e turismo ambiental e produção cultural popular da vila, destacando-se a Festa do Cambuci, Encontro das Bruxas, Encontro dos Góticos e Lendas e Histórias de fantasmas.

Durante o passeio os estudantes puderem visitar as instalações da Ferrovia, outros espaços de arquitetura histórica como as casas e a sede do Clube Lyra Serrana e efetuaram entrevistas com comerciantes e moradores antigos. A visita às dependências da ferrovia permitiu conhecer um museu de excelente acervo material montado nas antigas salas de manutenção com a exposição das máquinas e instrumentos mecânicos utilizados para o funcionamento dos trens e descida da Serra.

Figuras 1 e 2. Visita a Paranapiacaba



Outro diferencial percebido neste projeto centra-se na parceria com professores de diversas disciplinas das salas envolvidas. Aonde foram apresentados o projeto e os objetivos, a quase totalidade dos docentes apoiou e contribuiu para preparação dos trabalhos e ainda usaram os resultados como uma das notas para a composição da média do último bimestre. E também, vários professores acompanharam a visita à vila. Nesta parceria, acordamos que o produto final seriam vídeos, e a produção ficou contemplada pelo fato da professora de Artes ter trabalhado o conteúdo de cinema e produção de vídeos, e assim, firmamos tal produção que teve também, por parte dos alunos e bolsistas, uma forte adesão. As professoras de português analisaram com os estudantes artigos de opinião estimulando a produção textual sobre as pesquisas e estudos realizados. A produção didática foi apresentada no II Encontro sobre Experiências didáticas no ensino de História e no Encontro PIBID USP em 2015.

O PATRIMÔNIO DE PARANAPIACABA: HISTÓRIAS EM DOIS TEMPOS

Durante a visita e estudo do meio em Paranapiacaba, os alunos assistiram à palestra de Renato Cristofi, pesquisador na Faculdade de Urbanismo da Universidade de São Paulo, sobre os temas relacionados à política e tensões no processo de conservação do patrimônio histórico-cultural

de Paranapiacaba. Com a palestra os estudantes puderem entrar em contato com o desafio do levantamento e catalogação dos arquivos históricos locais e com as ações de defesa do patrimônio histórico em suas múltiplas facetas: do poder público e dos moradores locais. A palestra ocorreu no Clube Lyra Serrano, construção icônica do modo de vida dos engenheiros estrangeiros e trabalhadores brasileiros durante o apogeu da ferrovia.

O pesquisador apresentou de forma realmente esclarecedora e próxima dos estudantes um pouco da história de Paranapiacaba, ressaltando as tensões inscritas na preservação do espaço arquitetônico e social em torno da ferrovia. Os estudantes trouxeram algumas questões sobre a presença dos negros e ingleses nessa história, os embates em torno do da imagem da história construída pelos monitores e agentes do turismo local e os mitos e lendas populares que foram se constituindo através do tempo.

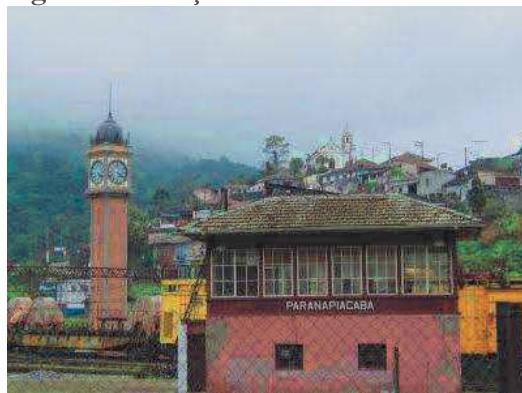
HISTÓRIA DA ANTIGA FERROVIA DO ALTO DA SERRA DE PARANAPIACABA

Localizada no município de Santo André, a Vila de Paranapiacaba nasceu e se desenvolveu com a antiga São Paulo Railway Co., encampada pelo governo e assumindo o nome de Estrada de Ferro Santos a Jundiaí, posteriormente Rede Ferroviária Federal S.A e atualmente CPTM. Está distante 33 quilômetros do centro de Santo André e a 48 quilômetros da capital do Estado. A Vila foi assentada no topo da Serra do Mar numa altitude de 796 metros no nível do Mar. As terras eram forradas de mata secundária da primeira Mata Atlântica e encontram-se nela as nascentes dos rios Grande e Pequeno, futuros formadores da Represa Billings. Nesse cenário natural, com a neblina característica, a Vila forma uma paisagem única no país, composta pela estrada de ferro, pela estação ferroviária construída no modelo inglês e por um aglomerado urbano. Esse aglomerado sofreu várias transformações. Originalmente foi edificado como acampamento durante a construção da rede ferroviária, depois remodelado e ampliado pela administração da empresa São Paulo Railway como moradia para os seus funcionários entre 1867 e 1868. Em 1987 a vila foi tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo – CONDEPHAAT. Desde lá o complexo da Estação Ferroviária “e seu entorno aguardam ações efetivas que garantam a sua preservação e principalmente a participação da população local no processo de revitalização de toda a área” (FERREIRA; PASSARELLI; SANTOS, 1990, p. 5). Hoje recebe turistas interessados em conhecer os aspectos históricos e arquitetônicos (Museu do Castelo, Museu do Sistema Funicular, Relógio da Estação, típico inglês, moradias de arquitetura inglesa construídas com pinho de riga - madeira nobre do Leste Europeu; Clube União Lyra Serrano). Outros visitantes chegam para participar de excursões em trilhas pelas montanhas e assistir aos festivais culturais, artesanato e práticas culturais jovens tais como a Festa do Cambuci, fruta típica da Mata Atlântica; Encontro das Bruxas; Encontro dos Góticos, Festival de Inverno com apresentações musicais, artísticas e literárias; Missas e festas religiosas promovidas pela Igreja Bom Jesus de Paranapiacaba; Carnaval contando com blocos de rua, baile de máscaras e as bandas Caxambu e Lyra, está última fundada em 1918 e considerada patrimônio musical de Santo André.

Figura 3. Vista do Museu do Sistema Funicular



Figura 4. Estação de trem



A Vila de Paranapiacaba tem sua origem na decisão técnica de aproveitar o declive menos íngreme, quase na horizontal de descida da Serra, em sentido inverso ao do Caminho do Mar (antigo caminho indígena e posteriormente Estrada do Lorena). Inicialmente existiram três acampamentos nos patamares de descida. No final da construção, os patamares mais baixos foram abandonados e estão hoje tomados pela floresta. O último patamar sobreviveu porque ficou sendo a administração geral da ferrovia e também porque exigia-se o trabalho de manutenção técnica dos equipamentos de descida da serra.

Paranapiacaba foi o distrito mais importante de Santo André e no tempo de mais movimentação, nos anos de 1910 e 1920, contou com uma população de 21 mil habitantes. Hoje possui um mil habitantes aproximadamente.

No entorno do acampamento de Paranapiacaba foram sendo construídos conjuntos de moradias: Bairro Alto, Vila Velha e Vila Nova (Vila Martin Smith). As casas próximas à ferrovia se originam do acampamento e tinham um caráter provisório. Há fotografias do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo mostrando as construções com telhado de palha. Posteriormente as moradias foram sendo modernizadas, transformando-se o espaço que foi denominado de Vila Velha. A Vila Nova (Vila Martin Smith) foi edificada em atenção à reivindicação dos funcionários que pediam melhores acomodações.

O Bairro Alto foi sendo ocupado pelos comerciantes, para abastecer os trabalhadores com alimentos, roupas, utensílios que precisavam na época do acampamento, isto é, à época de construção da Estação e instalação do equipamento. Situa-se na entrada de Paranapiacaba e foi edificada sem planejamento, apresentando uma diversidade de construções, pinturas e traçado espontâneo das ruas.

A Vila Nova (Vila “Martin Smith”) foi edificada com planejamento urbanístico moderno. O traçado das ruas é geométrico, as ruas possuem funcionalidades diferentes (separação entre público e privado; frente e fundos; abastecimento e visitas). Todas as casas são voltadas para o meio fio da

rua principal, com recuo, janelas e portas construídas na parte frontal, permitindo a visibilidade entre moradores e transeuntes. Contavam já na época com sistema de esgotos, eletricidade e encanamento. Paranapiacaba é precursora nesse aspecto de planejamento e saneamento urbano no Brasil. O sistema construtivo das casas segue o modelo da ferrovia, utilizando ferro, madeira e alvenaria (tijolo). O revestimento é de madeira nas casas para garantir o conforto térmico. Foram construídos também espaços de lazer e de encontros como os dois Clubes: *Clube Recreativo Flor da Serra* e *União Lyra-Serrano*. O *Clube União Lyra-Serrano* foi edificado para oferecer espaços de lazer aos trabalhadores e engenheiros. Há um palco, no salão, em que eram realizadas festas, carnaval, projeção de filmes e Futebol de Salão. No segundo andar havia salas para jogos.

A análise sociológica leva à aproximação com o sistema de controle da intimidade e disciplinamento baseado no modelo arquitetônico do Panóptico. (FERREIRA; PASSARELLI; SANTOS, 1990). As edificações das casas seguiam a hierarquização dos cargos na Ferrovia. Existem quatro tipos de moradias: para solteiros, recém-casados e casas com mais cômodos para os engenheiros e altos funcionários. Há um modelo especial para a casa do Engenheiro-Chefe (denominado Castelinho), construída no alto da Vila Nova, e, portanto, favorecendo a impressão de visibilidade e vigilância em toda a Vila, sobre os moradores, trabalhadores e no espaço do pátio de manobras e manutenção da Ferrovia. Os sistemas de controle e vigilância abrangem as instâncias de tempo e do espaço. O controle do tempo era exercido pelo Relógio da Estação e a vigilância espacial se dava pela construção estratégica da Casa do Engenheiro-Chefe (Atual Museu de Paranapiacaba – Museu do Castelo).

QUESTÕES RELATIVAS À PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO

Há muitas tensões entre as políticas municipais de preservação e as concepções dos moradores. A eficiência de políticas de preservação depende essencialmente de iniciativas formativas voltadas à comunidade local, objetivando a compreensão da importância do patrimônio. E os órgãos públicos precisariam ter uma maior qualificação, com a presença de especialistas e de um sistema democrático e transparente de tomada de decisões.

As tensões dizem respeito ao desconhecimento dos moradores em relação ao avanço do processo de compreensão da história de Paranapiacaba e ausência de um projeto de formação contínua para o Patrimônio. Por outro lado, apesar do tombamento ser uma realidade, os moradores não podem viver como seus antepassados viviam. É preciso realizar reformas como as dos encanamentos, originalmente de cobre, que causam mal à saúde, por exemplo. Além disso, a cidade não apresenta possibilidades de sobrevivência econômica atualmente. Assim, dependem em larga medida do sistema de bolsas de renda mínima e do turismo.

As intervenções do poder público não seguem uma lógica concertada e dialogada entre os moradores, os técnicos e especialistas. Houve a intervenção, por parte do setor técnico de preservação nos anos de 2000 que descaracterizou alguns espaços, propondo uma atualização de materiais, como o vidro. Para os moradores essas intervenções soam contraditórias, pois, segundo eles, se é possível construir um toldo moderno, qual seria o motivo para que eles próprios não possam construir garagens para seus carros, por exemplo.

Na época em que foi feita a visita, em outubro de 2015, havia acontecido uma tentativa de incêndio no Castelinho. Segundo o pesquisador Renato Cristofi esse é um sinal de desconexões e incompREENsões sobre o significado de uma política de preservação. O atentado contra o patrimônio foi feito por pessoas que conheciam o espaço... conheciam o porão...

INFORMAÇÕES SOBRE A CANDIDATURA NA UNESCO DE PARANAPIACABA COMO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE.

O conjunto histórico de Paranapiacaba foi tombado pelos órgãos municipal, estadual e federal de proteção ao patrimônio. Em 2015 disputava a candidatura para ser Patrimônio da

Humanidade. Recebeu para o Projeto de Restauro a quantia de R\$ 41 milhões do PAC – Prédios Históricos do Governo Federal. Deveriam passar pelo restauro as 242 casas históricas da parte baixa da Vila. Os imóveis pertencem à prefeitura de Santo André e são locados aos interessados a residir neles. Oficialmente os locatários são considerados permissionários e pagam, em média, R\$ 300,00. Atualmente existem 50 casas desocupadas que seriam utilizadas, na forma de rodízio, para acolher os moradores das casas em reforma. Estão no cronograma o restauro do antigo almoxarifado da São Paulo Railway, que deve ser transformado em restaurante; o campo de futebol; a garagem das locomotivas e outras construções. A biblioteca é o único prédio em que já foi concluída a Restauração. A biblioteca foi construída possivelmente em 1915. Sofreu um incêndio, foi reconstruída, mas apresentava uma fachada em desacordo com o desenho original. Agora foi feita uma adequação pontual. Os galpões das oficinas foram erguidos em 1901 para dar manutenção às locomotivas. Eles vão ser recuperados, de forma simbólica, e o plano é que sejam utilizados como um centro de referência em restauro e conservação, com cursos e oficinas. O restauro na Vila naquele momento se concentrava na retirada de todo material que foi agregado ao longo de reformas posteriores à construção original.

Será construída uma nova estação no histórico prédio datado de 1868, que outrora funcionou como garagem das locomotivas. O *Clube Recreativo Flor da Serra* está totalmente destruído e de acordo com princípios patrimoniais, cumpriu o seu ciclo de vida e não deve ser reconstruído. A *União Lyra Serrano* foi restaurada há tempos e segundo Renato Cristofi, mereceria uma nova restauração. É uma construção histórica, em dois andares, e foi realizada com vigas e colunas de pinho de riga trazidas da Inglaterra. O revestimento é de madeira.

Segundo o arquiteto e urbanista Aguinaldo Gonçalves, funcionário da prefeitura de Santo André, a Vila encontra-se em uma situação triste: “Paranapiacaba, apesar de vila ferroviária, não tem trem”. Atualmente, cruzam o povoado locomotivas de carga. Passageiros somente podem chegar à estação de Paranapiacaba pelo trem turístico da CPTM, três domingos por mês (programação em oesta.do/tremparanapiacaba).

A relevância da preservação desse espaço se baseia na ideia de que se trata de uma experiência singular de planejamento urbano, técnicas construtivas, relações com a história econômica e social do país e de reelaboração de identidades da região do ABC. Para o presente, ainda, poderia favorecer a qualificação de profissionais nas técnicas de restauro e usos criativos pela comunidade local e regional (VEIGA, 2015).

- Questões postas pelos alunos durante a palestra:

- 1. Presença dos negros nessa história da construção da Ferrovia:** Quase nenhuma segundo Renato Cristofi. Porém o pesquisador ofereceu uma abordagem profícua para os nossos trabalhos com os alunos; a seguir resumida.

Durante o processo de abolição e imediatamente depois não houve inserção dos trabalhadores negros, embora haja a presença de negros escravizados na região desde o século XVIII. O processo de abolição nas Fazendas São Bernardo e São Caetano, com extinção da escravidão ocorreu nas fazendas dos Beneditinos em 1871. (MARTINS, 1988) Basicamente a mão de obra era de imigrantes italianos e portugueses. No entanto, podemos perceber alguma presença, que precisaria ser rastreada, no trabalho na carvoaria e alimentação do maquinário quando ainda era a vapor e talvez mesmo depois com as transformações tecnológicas, tais como a eletrificação e o uso de outros combustíveis (diesel). Era um trabalho pesado e que deixava a pele suja, preta de fuligem. Cabe perguntar por que eles, as pessoas de etnia afro-brasileira, teriam sido utilizadas nesse serviço.

É importante relacionar a história da rede ferroviária com a produção de café e estabelecer elos com o sistema escravista. É nesse processo que o sistema ferroviário esteve interligado à mão de obra escravizada.

2. Mitos em torno da História da Ferrovia:

2.1. Presença dos ingleses: quase nenhuma. Os ingleses estavam na direção geral da empresa na Inglaterra, em Londres. Aqui encontramos a presença de engenheiros escoceses e irlandeses. Um dos engenheiros-chefe era de origem norte-americana. É um mito a ideia de os trabalhadores terem sido ingleses. Basicamente a mão-de-obra utilizada foi de imigrantes italianos e portugueses.

2.2. Turismo e formação do Grupo de Monitores preparados pelos habitantes da Vila:

Necessidade de melhor formação e conhecimentos históricos. O que ocorre é o fenômeno de “quem conta um conto aumenta um ponto”. Mas é importante lembrar que é possível sempre encontrar uma raiz histórica, um acontecimento (fenômeno social) que funciona como elemento provocador da elaboração “imaginária”.

2.3. “Cidade de aleijados” e as “histórias fantásticas de aparições de antigos moradores”: número significativo de acidentes com trabalhadores nos trilhos dos trens, devido à constante neblina, que muitas vezes não permitia a visibilidade de mais de um metro de distância. Esse ambiente geográfico, associado ao impacto das transformações tecnológicas do período, e por outro lado, a proximidade com a mata, provoca alterações na percepção do tempo e do espaço e constituem um imaginário de histórias “fantásticas”. Trata-se de um processo de desagregação, desorientação, fragmentação de identidades culturais e, simultaneamente, de soluções possíveis, criativas, dos moradores na elaboração de laços sociais (históricos, temporais e espaciais), com a retomada e reapropriações do imaginário religiosos e onírico do mundo rural e de tradições, mitos e lendas indígenas e afro-brasileiras, e, talvez, dos elementos culturais de países de origem dos imigrantes. É preciso sempre fazer um esforço para investigar as origens históricas das lendas, associando dados geográficos, sociais, políticos, disputas e sacralização de memórias. Exemplos de aprofundamento do estudo desse imaginário de histórias fantásticas estão nos estudos de José de Souza Martins sobre a Ferrovia e a aparição do demônio na fábrica de cerâmica da cidade de São Caetano (MARTINS, 1993).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a execução de todas as etapas consideramos que alcançamos um resultado positivo diante da realidade apresentada. Foram produziram 19 vídeos, com visões singulares sobre os temas abordados. Os estudantes seguiram os temas que orientaram as entrevistas, mas realizaram as produções com autonomia e com interpretações diversas e originais. Trataram dos aspectos das culturas locais e dos diversos pontos de vista de moradores, de artesãos, especialistas na culinária local e memorialistas, depositários das experiências históricas, lendas e mitos centenários.

Portanto, refletiram sobre a ideia de preservação, restauração e respeito aos patrimônios históricos e ambientais após todo o contato com a Vila. Demonstraram indignação pela deterioração vista e nítida devido à ação do tempo, pela falta de cuidado por parte das autoridades e também dos moradores que por necessidade de sobrevivência nem sempre assumem a conscientização da manutenção das edificações. Estudaram a importância da memória que se revelou nas entrevistas e depoimentos de pessoas que lutam para a preservação da vila e da história que ela representa.

Socializaram informações, habilidades, fotos, textos e diversos conhecimentos que só são conquistados em trabalhos em grupo. Aprenderam a respeitar regras, datas e opiniões diferentes e assim a lidar com o trabalho de equipe. E demonstraram que ao contrário do que se dizia sobre as turmas dos nonos anos de 2015 desta escola, são capazes de concretizar um projeto.

Todos os resultados foram alcançados principalmente pelo comprometimento dos bolsistas do PIBID que se dedicaram semanalmente nas orientações dos grupos, e pela integração de muitos dos professores que apoiaram o projeto e pelo apoio fundamental das professoras de Arte e

Português.

Muito do que concluímos com o projeto ficou demarcado na auto-avaliação aplicada aos alunos, que puderam externar as sensações sobre o projeto, além das limitações e superação. Percebemos que para essa turma tinha sido a primeira vez que desenvolveram algo semelhante. E durante a visita vários alunos comentavam que pela primeira vez “os professores estavam acreditando neles”.

Toda essa experiência contribuiu para a formação dos bolsistas e para a professora supervisora, os quais aprendem todos os dias com as experiências e a participação coletiva. O relato da Professora Supervisora Débora confirma:

Além do conhecimento sobre a vila, tive a oportunidade de conhecer mais uma vez as limitações que um projeto traz e que muitos dos objetivos são redirecionados pelo fato de estarmos imersos em diferentes realidades. (Relatório individual, 2015).

Uma das bolsistas, Julia Zanardo Grespan, declarou em relatório:

A perspectiva de poder trabalhar a História a partir de uma história local me fez pensar em outras possibilidades de aprendizagem, além da própria questão do ensinar a História de maneira a não somente ensinar seu conteúdo, mas como ela é feita também. A posição de uma ponte entre o academicismo e a prática também esteve presente em todo o trajeto deste ano de 2015, e foi uma busca pessoal constante o equilíbrio entre um ensino que não estigmatizasse ou hierarquizasse conteúdos, mas que também permitisse ao aluno uma inserção social e uma resposta ao que se é esperado do ensino regular. (Relatório individual, 2015).

Uma questão ainda não resolvida foi legada aos alunos: qual o papel dos descendentes afro-brasileiros e indígenas nessa história tão longa de Paranapiacaba? Um legado que se constitui em aprendizado que se realizou, no qual a mensagem é que a História é reescrita continuamente e que o passado é sempre passível de ser revisitado. Com a visita à Vila, o conhecer, o vivenciar e o investigar se deram simultaneamente. Percebeu-se coletivamente que o vilarejo congrega múltiplos tempos, inscritos em sua paisagem. É um espaço histórico de fatos importantes da história da industrialização no Brasil e hoje sua população produz e dialoga com a pluralidade de culturas nas dimensões do local, regional, nacional e mundial.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- DESCASO, burocracia e falta de verba deixam patrimônio histórico em ruínas. G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/11/descaso-burocracia-e-falta-de-verba-deixam-patrimonio-historico-em-ruinas.html>>. Acesso em: 13 nov. 2015.
- DONA Cristina perdeu a memória. You Tube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3ZTnC9pcC3U>>. Acesso em 14 set. 2015.
- FERREIRA, J.; PASSARELLI, S. H.; SANTOS, M. A. P. **Paranapiacaba: estudos e memória**. Santo André: Piblic Gráfica e Fotolito: Prefeitura Municipal de Santo André, 1990.
- MARTINS, J. S. A aparição do demônio na fábrica, no meio de produção. **Tempo Social**, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 1-29, 1993. Editado em nov. 1994.

MARTINS, J. S. **A escravidão em São Caetano (1598-1871)**. São Caetano: Associação Cultural, Recreativa e Esportiva Luís Gama: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de Mobiliário de São Caetano: Centro Ecumênico de Documentação e Informação. 1988.

MARTINS, J. S. A ferrovia e a modernidade em São Paulo: a gestação do ser dividido. **Revista USP**, n. 63, p. 6-15, set./nov. 2004.

MEIHY, J. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MINAMI, I. **Paranapiacaba Marco Zero**. Piracicaba: Unimep, 1998.

MINAMI, I. Vila de Paranapiacaba: patrimônio ambiental, tecnológico e arquitetônico. In: YÁZIGI, E. et al. (Org.). **Turismo, espaço paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 114-129.

PORTELLI, A. **Ensaios sobre história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SILVA, O. B. da. Memória, preservação e tradições populares. In: CUNHA, M. C. P. C. (Org.). **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico: Secretaria Municipal de Cultura: Prefeitura do Município de São Paulo, 1992. p. 17-24.

STIGLIANO, B. V. **Participação comunitária e sustentabilidade socioambiental do turismo na vila ferroviária de Paranapiacaba**. 2009. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

VEIGA, E. Paranapiacaba restaura patrimônio por título mundial. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, A25, 26 jul. 2015.